

**Do movimento à metaforização:
construções com o verbo *ir* no português oral**

From movement to metaphorization:
constructions with the verb *ir* in oral portuguese

Del movimiento a la metaforización:
construcciones con el verbo *ir* en el portugués oral

Milca Cerqueira Etinger Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)
milcacerqueira@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6299-3939>

Valéria Viana Sousa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)
valeria.viana.sousa@uesb.edu
<https://orcid.org/0000-0002-8243-9281>

RESUMO

Com base nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), em diálogo com a Linguística Cognitiva e, em especial, com a Gramática de Construções, esta pesquisa analisa os padrões de uso das construções com o verbo *ir* no presente do indicativo, na terceira pessoa do singular. O objetivo é identificar as motivações formais e funcionais que explicam a emergência dessas microconstruções no português falado em Vitória da Conquista. O estudo, de base empírica, fundamenta-se em dois *Corpora* orais — o Português Culto (PCVC) e o Português Popular (PPVC) — organizados pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)Funcionalismo (CNPq). A análise revelou uma trajetória de mudança do verbo *ir*, que se desloca do uso lexical ao gramatical, configurando um processo de construcionalização. Constatou-se, ainda, que mecanismos de extensão

semântica e de reanálise licenciam novos usos, como *vai que*, evidenciando a dinamicidade entre léxico e gramática no português contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Verbo *ir*; Linguística Funcional Centrada no Uso; Construcionalização.

ABSTRACT

*Based on the assumptions of Usage-Based Functional Linguistics (UBFL), in dialogue with Construction Grammar and Cognitive Linguistics, this study analyzes usage patterns of constructions with the verb *ir* in the present indicative, third-person singular. The aim is to identify the formal and functional motivations that explain the emergence of these microconstructions in the Portuguese spoken in Vitória da Conquista. This empirical study relies on two oral corpora — Cultured Portuguese (PCVC) and Popular Portuguese (PPVC) — compiled by the Research Group in Historical and (Socio)Functional Linguistics (CNPq). The analysis revealed a trajectory of change for the verb *ir*, shifting from lexical to grammatical use, thus constituting a process of constructionalization. It was also observed that mechanisms of semantic extension and reanalysis license new uses, such as *vai que*, highlighting the dynamic interaction between lexicon and grammar in contemporary Portuguese.*

KEYWORDS: *Verbo ir*; Usage-Based Functional Linguistics; Constructionalization.

RESUMEN

*Basándose en los supuestos de la Lingüística Funcional Centrada en el Uso (LFCU), en diálogo con la Gramática de Construcciones y la Lingüística Cognitiva, esta investigación analiza los patrones de uso de las construcciones con el verbo *ir* en el presente de indicativo, tercera persona del singular. El objetivo es identificar las motivaciones formales y funcionales que explican la emergencia de estas microconstrucciones en el portugués hablado en Vitória da Conquista. El estudio, de base empírica, se fundamenta en dos corpus orales — Portugués Culto (PCVC) y Portugués Popular (PPVC) — organizados por el Grupo de Investigación en Lingüística Histórica y (Socio)Funcionalismo (CNPq). El análisis reveló una trayectoria de cambio del verbo *ir*, que se desplaza del uso léxico al gramatical, configurando un proceso de construccionalización. Asimismo, se constató que mecanismos de extensión semántica y reanálisis permiten nuevos usos, como *vai que*, evidenciando la dinamicidad entre léxico y gramática en el portugués contemporáneo.*

PALABRAS CLAVE: *Verbo ir*; Lingüística Funcional Centrada en el Uso; Construccionalización.

1 Introdução

O estudo das construções verbais no português brasileiro tem se destacado nas últimas décadas, especialmente no campo da variação e da mudança linguística. Parte-se da ideia de que a língua é um sistema dinâmico, moldado pelas interações sociais, culturais e discursivas. Investigar construções verbais por esse viés permite compreender como os falantes mobilizam recursos linguísticos para atender a diferentes demandas comunicativas, refletindo processos históricos, cognitivos e sociais.

Neste artigo, tem-se como propósito analisar o verbo *ir*, no presente do indicativo, na terceira pessoa do singular, na modalidade oral do português de Vitória da Conquista, articulando abordagens do Cognitivismo, da Gramática de Construções e da Linguística Funcional Centrada no Uso (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2011; Traugott; Trousdale, 2013, 2021; Bybee, 2016; Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2016; entre outros). O foco recai sobre construções perifrásticas com *ir*, examinadas em seus aspectos formais (fonético-fonológicos e morfossintáticos) e funcionais, incluindo dimensões semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas. Parte-se da hipótese de que *ir* pode formar unidades integradas fonético-fonológicas (*chunks*) e que processos metafóricos, metonímicos e aspectos, como informatividade e inferência, contribuem para a criação de novos sentidos e funções interacionais.

A análise do verbo *ir* revela de modo paradigmático a consolidação de construções perifrásticas, como *ir* + *infinitivo*, evidenciando processos de gramaticalização motivados pelo uso, pela frequência e pela analogia funcional. Tais fenômenos oferecem subsídios importantes para a explicação dos padrões observados nos *Corpora* Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC) e Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC).

Além de contribuir para a compreensão teórica da emergência de construções gramaticais, essa abordagem apresenta implicações pedagógicas relevantes, sobretudo para o ensino de gramática e de variação linguística, ao mostrar que estruturas recorrentes e cognitivamente salientes tendem a se consolidar na língua. Além disso, este estudo pode corroborar com caminhos para pesquisas futuras, tais como a análise de outras construções perifrásticas, a comparação com diferentes *Corpora* e a investigação de processos construcionais em contextos variados, fortalecendo a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso.

Com esses propósitos, este artigo está estruturado em cinco seções: introdução, fundamentação teórica; apresentação da metodologia e *Corpora* utilizados; análise dos aspectos formais e funcionais do verbo *ir*, e, por fim, a conclusão.

2 O Verbo *ir* e a construção das formas de futuro no português brasileiro

A fim de compreender as mudanças ocorridas com o verbo *ir* no Português Brasileiro, é necessário considerar o processo histórico e linguístico que envolve tanto a gramaticalização quanto a reanálise estrutural das formas verbais. As mudanças observadas não se restringem ao aspecto morfológico, mas também evidenciam processos de ordem sintática e semântica, resultantes do uso efetivo da língua em diferentes contextos sociais. Nesse sentido, torna-se pertinente uma breve análise histórica e linguística da formação das formas de futuro no português, demonstrando como o futuro sintético — exemplificado em *cantarei* — e o futuro perifrástico — como em *von cantar* — têm suas origens nas estruturas do Latim Clássico e Vulgar. Para embasar essa descrição, recorreu-se a autores como Coseriu (1957) e Ilari (2008), cujas contribuições são fundamentais para a compreensão dos processos de mudança e gramaticalização no português.

Segundo Coseriu (1957), as formas sintéticas do futuro (como *educabit*) geravam confusões fonéticas com outros tempos verbais, como o pretérito (*educavit*). Essa semelhança levou os falantes a buscarem alternativas perifrásticas — ou seja, expressões formadas por dois verbos — para indicar o futuro. Assim, surgiram construções como *studere habeo* (*tenho de estudar*), que, com o tempo, se transformaram em novas formas de futuro. O Latim Clássico utilizava o futuro sintético (*studebo*), enquanto o Latim Vulgar passou a empregar construções analíticas com *habere* (*studere habeo*).

Ilari (2008) contribui com essa análise ao afirmar que apenas os tempos presente, imperfeito e perfeito sobreviveram nas línguas românicas. O futuro sintético desapareceu, sendo substituído por perífrases com *habere* (*ter*) ou *volo* (*querer*) + infinitivo, que posteriormente se gramaticalizaram, isto é, perderam seu sentido lexical original e se fundiram ao verbo principal. O verbo *habere* foi gradualmente se aglutinando ao infinitivo, dando origem à forma sintética, tal como: *amare habeo* → *amárabeo* → *amaráyo* → *amarei*. Esse processo fez com que *habere* se transformasse em desinência de tempo, modo e pessoa, originando o futuro do português brasileiro (*cantarei*, *estudaremos* etc.). Além

disso, *haver* também passou a atuar como verbo auxiliar na formação de tempos compostos (*havíamos cantado*).

De acordo com Vossler (1925, *apud* Coseriu, 1957), a mudança não foi apenas formal, mas também semântica. O futuro sintético expressava uma noção puramente temporal; entretanto, os falantes passaram a associar a ideia de futuro a valores modais de vontade, desejo, esperança ou temor. Dessa forma, as construções perifrásticas — como *vou cantar* — tornaram-se mais expressivas e adequadas ao uso cotidiano, contribuindo para o progressivo abandono das formas antigas.

Em suma, a formação do futuro no português brasileiro resulta de diversos processos, tais como: (a) morfossintático, caracterizado pela substituição das formas sintéticas latinas por construções perifrásticas com *habere* e sua posterior fusão; e (b) semântico, marcado pela mudança de uma concepção temporal para uma concepção modal do futuro — que passa a expressar intenção, vontade ou possibilidade. Essa trajetória evidencia como fatores discursivos, cognitivos e de uso contribuem para a reorganização do sistema verbal, refletindo a natureza dinâmica e evolutiva da língua em seu percurso histórico e funcional.

Nesse processo, o verbo *ir* emerge como elemento central na construção do futuro perifrástico do português brasileiro. Por meio do processo de gramaticalização, esse verbo desvincula-se gradualmente de seu sentido lexical original de deslocamento e passa a assumir valores modais e temporais. Tal fenômeno evidencia o papel do uso na mudança linguística e demonstra que a frequência, a inferência contextual e as necessidades comunicativas dos falantes são fatores determinantes na reconfiguração das construções.

2.1 Pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso

O objetivo desta subseção é apresentar, de forma sintética, os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)¹, que constituem a base desta pesquisa. Essa perspectiva integra princípios dos *Usage-Based Models* — desenvolvidos no âmbito da Linguística Cognitiva e, em específico, da Gramática de Construções — aos fundamentos do

¹ Essa perspectiva foi desenvolvida e consolidada pelo **Grupo de Estudos Discurso e Gramática (D&G)**, sediado na **Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)** e expandida para outras universidades. A vertente brasileira da LFCU, que em sua autodescrição inclui explicitamente o termo *funcional*, integra as contribuições da Linguística Funcional e dos Modelos Baseados no Uso, aplicando-as ao estudo do **português brasileiro**.

Funcionalismo Linguístico norte-americano. Em conjunto, essas vertentes teóricas partem do princípio de que a gramática emerge da experiência linguística, do uso recorrente da língua pelos falantes em situações de interação comunicativa.

A Gramática de Construções (GC), conforme proposta por Goldberg (1995, 2006), concebe a língua como um inventário estruturado de construções — unidades simbólicas que associam forma e sentido em todos os níveis de abstração, do morfema à sentença. Nessa abordagem, não há uma distinção rígida entre léxico e gramática: ambos são compreendidos como partes de um *continuum* que compõe o *constructicon* de uma língua. As construções, portanto, são entendidas como padrões de pareamento forma-função, armazenados na memória dos falantes a partir de experiências reiteradas de uso e organizados cognitivamente em redes de relações semânticas e formais.

Já a Linguística Cognitiva (LC) fornece à LFCU a base teórica para compreender os mecanismos mentais subjacentes ao uso linguístico. Essa vertente parte da ideia de que a linguagem é uma manifestação de processos cognitivos gerais — como categorização, esquematização, analogia e inferência — e de que o significado é construído na interação entre o conhecimento linguístico, o contexto e a experiência humana. A LC, ao rejeitar a noção de uma gramática autônoma e modular, reforça a concepção de que a estrutura linguística é indissociável da cognição e da percepção humanas.

A LFCU, ao articular os princípios da GC e da LC, propõe uma visão dinâmica da língua. Nessa perspectiva, a gramática não é um sistema estático, mas um conjunto de padrões de uso que se consolidam cognitivamente e se convenciam socialmente ao longo do tempo. A articulação entre processos cognitivos e trajetórias de mudança linguística oferece, assim, uma base explicativa consistente para a compreensão dos fenômenos gramaticais, levando em conta fatores como a frequência de uso, os contextos de ocorrência e as inferências pragmáticas derivadas da interação comunicativa. As regularidades da língua, portanto, resultam de processos de frequência, analogia, inferência e categorização que refletem, simultaneamente, dimensões cognitivas e discursivo-funcionais.

Nesse enquadramento teórico, o processamento linguístico é concebido como manifestação de capacidades cognitivas gerais, operando de modo análogo às demais habilidades mentais humanas. Parte-se da premissa de que as línguas são moldadas tanto por princípios cognitivos quanto pela interação discursiva, visto que suas estruturas refletem o funcionamento da

mente dos falantes inseridos em contextos socioculturais específicos, bem como as experiências linguísticas e comunicativas armazenadas na memória. Sob essa perspectiva, a estrutura linguística constitui-se como resultado emergente da aplicação recorrente de processos cognitivos de domínio geral, cuja regularidade decorre da repetição e da adaptação às condições de uso.

Assim, fenômenos como gradiência e variação, amplamente observados nas análises empíricas, sustentam a concepção de que a língua constitui um sistema adaptativo complexo (Hopper, 1987; Bybee, 2016). Esse sistema, ao mesmo tempo estável e dinâmico, é resultado das práticas discursivas reiteradas e das habilidades cognitivas envolvidas na produção e na interpretação linguística, conforme propõe a LFCU.

Com base nessa concepção, a LFCU define a gramática como “[...] uma rede conceitual de construções linguísticas, pareamentos simbólicos de forma e sentido, que integram o *constructicon* de uma língua” (Cezário; Júnior, 2020, p. 7). As construções são compreendidas como unidades simbólicas que emergem da interação entre forma e significado, moldadas pela experiência comunicativa dos falantes. A gramática, portanto, configura-se como uma rede hierarquicamente organizada, composta por esquemas — de natureza mais abstrata —, subesquemas — de caráter intermediário — e microconstruções — instâncias mais específicas de uso (Croft, 2001).

Tal formulação implica um deslocamento teórico em relação à concepção tradicional do Funcionalismo considerado como clássico, que privilegia a direção forma > função, para uma relação bidirecional forma ↔ função, conforme postula a abordagem construcionista. Nessa visão, a forma não apenas manifesta a função, mas também participa de sua constituição e condicionamento. Essa reconfiguração, de natureza teórico-metodológica, permite uma descrição mais precisa dos eixos hierárquicos propostos por Traugott e Trousdale (2021), oferecendo um modelo explicativo que integra cognição, uso e estrutura de modo dinâmico e interdependente.

Sob essa ótica, o verbo *ir* constitui um exemplo paradigmático de gramaticalização motivada pelo uso: sua alta frequência em contextos que expressam deslocamento temporal, como em *vou estudar amanhã*, favoreceu o enfraquecimento semântico do verbo e sua reinterpretação como marcador de futuro. Tal processo evidencia o princípio da analogia funcional, segundo o qual estruturas recorrentes e cognitivamente previsíveis tendem a se consolidar como novas construções gramaticais (Silva; Sousa, 2024). Assim, o uso reiterado da construção *ir* + *infinitivo* não apenas reflete, mas também reforça

a reorganização do sistema verbal do português brasileiro, demonstrando como as práticas discursivas sustentam e direcionam a mudança linguística.

2.2 Estudos sobre o verbo *ir* no português

Considerando os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a análise do verbo *ir* no português brasileiro constitui um terreno privilegiado para observar os mecanismos de mudança e emergência gramatical a partir do uso efetivo da língua. A trajetória desse verbo ilustra de modo exemplar o princípio da gramaticalização motivada pela frequência e pela analogia funcional, conforme postulam Hopper (1987) e Bybee (2016).

Algumas pesquisas tratam do verbo *ir* na formação do futuro, a exemplo de Oliveira (2006), Andrade (2017) e Silva (2016; 2024). Na tese *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*, Oliveira (2006), por meio de uma perspectiva variacionista e funcionalista, analisou o uso da perífrase de futuridade na fala e na escrita de indivíduos com nível superior completo em Salvador e do Rio no Janeiro.

Em uma análise de caráter diacrônico, foram coletadas amostras do século XIII ao XX; e, para o estudo em tempo real, amostras das décadas de 1970 e 1990. Com base na análise sociolinguística, a autora identificou contextos linguísticos condicionantes para a variação do futuro verbal com *ir* — como frases afirmativas sem advérbios e a expressão de futuro próximo — e relacionou os usos de futuro a fatores sociais, como sexo, faixa etária e região.

Diante da hipótese de gramaticalização, Oliveira (2006) evidenciou o processo de auxiliarização do verbo *ir* na formação do futuro perifrástico e, em estudo translinguístico, comparou o *ir* + infinitivo do português brasileiro ao *aller* + infinitivo do francês. Os resultados indicaram que a mudança está em andamento e que os falantes tendem a preferir a forma perifrástica, composta pelo verbo *ir* no presente seguido de verbo principal no infinitivo, expressando valores modais além da futuridade. Essa análise confirma o princípio da LFCU, segundo o qual as construções linguísticas são unidades simbólicas que se moldam e se expandem funcionalmente de acordo com o uso.

Silva (2016), em sua dissertação, selecionou amostras das modalidades oral e escrita. Para os *Corpora* orais, foram analisados o *Português Popular de Vitória da Conquista (Corpus PPVC)* e o *Português Culto de Vitória da Conquista (Corpus PCVC)*, organizados pelos pesquisadores do Grupo Janus entre 2011

e 2015. Como parte dos *Corpora* escritos, foram utilizados jornais do século XX da região e textos de blogs da cidade.

Os resultados confirmaram a hipótese de gramaticalização do verbo *ir* e mostraram que a motivação estrutural para o uso das perífrases pode estar associada aos verbos regulares na primeira pessoa e a sujeitos com traços [+humano]. A pesquisadora concluiu que a forma perifrástica se encontra em estágio avançado de mudança na fala, sendo amplamente produtiva nos *Corpora* orais: popular e culto. Já na modalidade escrita, observou-se a persistência da forma sintética, embora as perífrases com *ir* já se façam presentes desde o século XX. Tais resultados indicam que a formalidade e o grau de monitoramento linguístico condicionam o uso, e que o padrão escrito tende a conservar estruturas prescritas pela Gramática Tradicional. Essa análise corrobora os pressupostos da LFCU ao demonstrar que a mudança linguística é gradual, motivada pelo uso e sensível ao contexto de produção, o que evidencia a consolidação de uma nova construção gramatical no sistema do português.

Posteriormente, em sua tese de doutorado, Silva (2024) ampliou essa investigação, analisando o comportamento do verbo *ir* sob a perspectiva teórica da LFCU. Nessa nova etapa de pesquisa, a autora voltou-se à relação entre **frequência de uso, categorização e produtividade construcional**, observando como o uso recorrente da perífrase *ir* + *infinitivo* favorece sua consolidação como **construção gramatical autônoma** no português brasileiro. Assim, o estudo reforça a concepção de que as mudanças construcionais emergem do uso efetivo da língua e refletem princípios cognitivos e discursivos que regem a organização gramatical.

De modo geral, as pesquisas analisadas, embora distintas em escopo e metodologia, convergem para um mesmo ponto: a mudança envolvendo o verbo *ir* na formação do futuro representa um processo de gramaticalização orientado pelo uso. Nessa perspectiva, a gramática é vista como um sistema emergente, em constante reconfiguração, no qual as construções resultam da associação recorrente entre forma, significado e contexto comunicativo — princípios centrais da Linguística Funcional Centrada no Uso.

Historicamente, *ir* apresenta um percurso que parte de um significado pleno de movimento espacial, com valor lexical, e passa a assumir uma natureza mais abstrata e gramatical, como nas construções que expressam futuridade (*não vou trabalhar amanhã*). Essa mudança semântico-funcional resulta de processos inferenciais e pragmáticos recorrentes, que favorecem o

enfraquecimento do sentido lexical original e a reinterpretação do verbo como marcador de tempo.

Sob a ótica da LFCU, esse processo não é visto como uma substituição súbita de valores, mas como uma reorganização gradual do sistema linguístico, decorrente da repetição de padrões de uso em contextos específicos. A perífrase *ir + infinitivo*, nesse sentido, configura-se como uma construção emergente que, pela alta frequência e previsibilidade cognitiva, adquire estatuto de unidade simbólica na gramática do português brasileiro.

A análise desse fenômeno, portanto, permite compreender como os falantes, ao recorrerem reiteradamente à construção *ir + infinitivo* em situações comunicativas diversas, participam ativamente da consolidação de um novo padrão gramatical. Tal regularização evidencia a natureza dinâmica e adaptativa da língua, bem como o papel central do uso na constituição e na mudança das estruturas.

Nesse contexto, a seção seguinte apresenta os procedimentos metodológicos adotados para a observação e descrição das ocorrências do verbo *ir*, delineando os *Corpora* de análise, os critérios de seleção dos dados e os parâmetros analíticos fundamentados na abordagem construcionista e nos princípios da LFCU.

3 Procedimentos metodológicos

A fim de situar o percurso metodológico adotado neste artigo, esta seção apresenta os procedimentos analíticos que fundamentam a investigação das construções formadas com o verbo *ir* na modalidade oral do Português Brasileiro. A pesquisa, conforme mencionamos, ancora-se na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), corrente que entende a língua como um sistema dinâmico, moldado pelas práticas comunicativas efetivas dos falantes.

Sob essa abordagem, a gramática é concebida como um repertório de construções que emergem, se consolidam e se transformam a partir do uso. Assim, o estudo privilegia dados empíricos autênticos — neste caso, produções de fala espontânea — como base para a descrição e a explicação dos fenômenos linguísticos. A opção metodológica, portanto, reflete o princípio central da LFCU de que o conhecimento linguístico é construído e organizado cognitivamente a partir da experiência de uso, o que justifica a escolha de *Corpora*.

Dessa forma, foram analisadas as construções com *ir* na modalidade oral a partir dos *Corpora* Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC) e Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC). Esses *Corpora*, produzidos entre 2011 e 2015 pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)Funcionalismo, o Grupo Janus (CNPq), vinculado ao Laboratório de Laboratório de Pesquisa em Sociolinguística e em (Sócio)Funcionalismo - LAPESF e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB (PPGLin/UESB), integram o projeto *Estudos de Fenômenos Linguísticos na Perspectiva Sociofuncionalista a partir da Descrição e Análise do Corpus da Comunidade de Fala de Vitória da Conquista*, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa (CAAE 34221214.9.0000.00552).

A pesquisa, de caráter explicativo-descritivo, baseia-se em dados de fala espontânea, totalizando 48 (quarenta e oito) entrevistas. O PCVC reúne 24 (vinte e quatro) gravações com falantes que possuem 11 anos ou mais de escolarização, enquanto o PPVC reúne 24 (vinte e quatro) entrevistas com participantes sem escolaridade ou com até cinco anos de escolarização. As entrevistas — com duração média de 60 minutos — foram transcritas segundo a chave proposta por Dante Lucchesi, no âmbito do Projeto Vertentes.

A análise concentrou-se na identificação e caracterização das construções com o verbo *ir*, observando os padrões formais, funcionais e contextuais que emergem do uso. Sob a ótica da LFCU, esses padrões refletem a interação entre fatores cognitivos, discursivos e sociais que influenciam o comportamento linguístico dos falantes. Em consonância à Silva (2016), parte-se do entendimento de que a fala espontânea constitui um ambiente privilegiado para a emergência e a circulação das construções investigadas, uma vez que nela se manifestam com maior nitidez os processos de variação, mudança e gramaticalização que caracterizam o funcionamento real da língua. À vista disso, utilizou-se um sistema operacional desenvolvido por Laurence Anthony, o *AntCont*², programa utilizado no escopo da Linguística de *Corpus*.

². Esse *software* é uma ferramenta de análise que otimiza a exploração de dados, com técnicas de contagem de frequência e coocorrências. O seu acesso pode ser realizado pelo www.laurencyanthony.net/software/antcont/.

3.1 Procedimentos metodológicos: abordagem mista e tratamento dos dados

O estudo dos fenômenos linguísticos, com base na Linguística Funcional Centrada no Uso, deve considerar tanto as regularidades de uso em contextos reais quanto os fatores cognitivos e discursivos que motivam tais padrões. Nesse sentido, a metodologia adotada ancora-se em uma abordagem mista, que combina procedimentos quantitativos e qualitativos. Assim, em termos metodológicos, foram utilizadas: i) a metodologia qualitativa, com foco na descrição e interpretação dos dados; e ii) a metodologia quantitativa, em termos absolutos e percentuais, com vistas à frequência de uso dos dados selecionados.

O levantamento da frequência de ocorrência do fenômeno linguístico investigado desempenha um papel essencial na pesquisa, pois permite a identificação de padrões microconstrucionais da língua, isto é, regularidades que se manifestam em construções específicas e revelam como os falantes realmente usam a língua em contextos variados.

A análise quantitativa dos dados, fundamentada em técnicas estatísticas, contribui para conferir maior precisão às interpretações, evitando desvios subjetivos de análise. Por meio dela, é possível calcular a frequência de uso, que pode ser medida de duas maneiras:

- a) Frequência *Type*: indica quantas formas diferentes seguem um mesmo padrão construcional;
- b) Frequência *Token*: mostra quantas vezes uma mesma construção aparece efetivamente nos dados.

Para o tratamento quantitativo, foi realizada a contagem das ocorrências a fim de determinar a frequência e aplicar a razão centesimal, que permite comparar, em termos percentuais, a frequência das construções encontradas em diferentes contextos. Para o tratamento qualitativo, busca-se compreender as motivações da emergência das construções, a exemplo da identificação das relações metafóricas e metonímicas envolvidas na articulação dos sentidos.

Dessa forma, a combinação entre métodos qualitativos e quantitativos permite uma análise mais abrangente e fundamentada, articulando o comportamento empírico dos dados às motivações cognitivas e funcionais que o sustentam. Essa integração metodológica assegura uma compreensão mais

profunda das construções linguísticas e de seus padrões de uso no Português Brasileiro contemporâneo.

4 Análise e Discussão dos Dados

Nesta seção, é apresentada a análise das construções formadas com o verbo *ir*, com o objetivo de observar os padrões de uso que emergem a partir de diferentes contextos e de suas possíveis extensões de sentido. Com a investigação inserida no escopo da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), consideramos que as regularidades linguísticas resultam de processos cognitivos e discursivos, como analogia, metáfora e metonímia, que impulsionam a criação e a extensão de novas construções.

Com base nesse pressuposto, foi identificado, no conjunto de dados, como determinadas construções com *ir* são recrutadas e reinterpretadas em novos contextos de uso, dando origem a microconstruções com funções específicas. A seguir, tem-se a análise quantitativa e qualitativa desses dados, tomando como referência as frequências *token* e *type*, conforme expostas na Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição da frequência *token* e *type* das construções do *Corpus* Português Culto de Vitória da Conquista

TYPES	TOKENS	%
(S) + V_{ir} + V_{inf}	246	75
V_{ir}+ Prep+ SN	35	10,68
V_{IR}	24	7,32
Prep + Loc + V_{IR}	12	3,66
V_{IR}+ Loc	8	2,44
V_{IR}+ Que	2	0,6
V_{IR} + De	1	0,3

Fonte: Silva (2024)

O levantamento da frequência *token* mostra que a microconstrução *vai* + verbo no infinitivo, representada pelo esquema (S) + *ir* + V_{inf}, é a mais recorrente nos dados, com 246 (duzentas e quarenta e seis) ocorrências (75%). Esse resultado indica que essa construção é bastante produtiva na língua, sendo amplamente utilizada pelos falantes para expressar ações futuras ou em desenvolvimento.

Em segundo lugar, aparece a construção *ir* + Prep (preposição) + SN (Sintagma nominal), com 35 (trinta e cinco) ocorrências (10,68%), que representa o uso do verbo *ir* em seu sentido de deslocamento físico, ou seja, em contextos de movimento real. Logo depois, observa-se o uso intransitivo de *ir* (sem complemento), com 24 (vinte e quatro) ocorrências (7,32%), e a expressão *por aí vai* (Prep + Loc + *ir*), com 12 (doze) ocorrências (3,66%), geralmente empregada para indicar continuidade ou generalização.

As demais microconstruções aparecem com menor frequência: *vai lá* (*ir* + Loc), com 8 ocorrências (2,44%); *vai que (ir + que)*, com 2 ocorrências (0,6%); e *vai de (ir + de)*, com apenas 1 ocorrência (0,3%). Esses resultados, apresentados na Tabela 1, ajudam a compreender quais padrões com o verbo *ir* são mais produtivos e como eles se distribuem nos diferentes contextos de uso.

Esses dados permitem observar que o verbo *ir* tende a se consolidar como elemento central de diferentes construções, com destaque para aquelas que expressam movimento e temporalidade, refletindo tanto aspectos gramaticais quanto discursivos do uso.

No *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC), foram identificadas 332 (trezentas e trinta e duas) ocorrências do verbo *ir* na terceira pessoa do singular, no presente do indicativo (*frequência token*), distribuídas em sete microconstruções (*frequência type*), conforme apresentado a Tabela 2.

Tabela 2. Distribuição da frequência *token* e da frequência *type* das construções do *Corpus* Português Popular de Vitória da Conquista

TYPES	TOKENS	%
(S) + V_{IR} + V_{inf}	197	59,3
V_{IR} + Prep + SN	67	20,2
V_{IR}	51	15,4
Prep + V_{IR} + SN	12	3,6
V_{IR} + Loc	2	0,6
V_{IR} + De	2	0,6
V_{IR} + Que	1	0,3
7	332	

Fonte: Silva (2024)

As construções mais produtivas foram *vai* + verbo no infinitivo, representada pelo esquema (S) + *ir* + V_{inf}, com 197 (cento e noventa e sete) ocorrências (59,3%); e a construção *ir* + preposição + sintagma nominal (SN), em seu sentido lexical de deslocamento, com 67 (sessenta e sete) ocorrências (20,2%).

Em seguida, foram observadas 51 (cinquenta e uma) ocorrências (15,4%) de *ir* em uso intransitivo (sem complementos), além de 12 (doze) ocorrências (3,6%) do esquema *ir* + Locativo (*vai lá*). Também foram registradas 2 (duas) ocorrências (0,6%) da construção *por aí vai* (Prep + Loc + *ir*) e 2 (duas) ocorrências (0,6%) de *ir* + De, ambas com sentido de deslocamento. Por fim, constatou-se 1(uma) ocorrência (0,3%) da construção *vai* + que.

Ao realizar uma comparação entre os *Corpora*, observa-se que os tipos de construções encontrados no Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC) e no Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC) são semelhantes — ambos apresentam sete microconstruções. Essa semelhança sugere que as diferenças entre os dois *Corpora* não se manifestam tanto em termos estruturais, mas podem ocorrer em nível semântico e discursivo, a depender do contexto de uso.

Acredita-se que essa produtiva distribuição está diretamente relacionada ao caráter polissêmico do núcleo verbal *ir*, cuja versatilidade permite usos que transitam entre o âmbito lexical (movimento físico) e o âmbito gramatical (aspectual, temporal e modal).

Desse modo, podem ser observadas, em (a), as características comuns entre os *Corpora* PPVC e PCVC e, em (b), as distinções presentes.

(a) Em ambos os *Corpora*, observa-se a alta produtividade das perífrases formadas pelo esquema (*ir* + V_{inf}) e das construções em que o verbo *ir* ocorre acompanhado de preposição e sintagma nominal (*ir* + Prep + SN). Além disso, tanto o Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC) quanto o Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC) apresentam o mesmo número de microconstruções (7 *types*), o que evidencia certa estabilidade estrutural na formação dessas construções, independentemente da variedade sociolinguística considerada.

(b) Em relação às diferenças, o nível de escolaridade parece influenciar o uso de determinadas microconstruções. Observa-se, por exemplo, que a construção *por aí vai* apresenta maior produtividade no português culto (3,66%), enquanto, no português popular, há uma redução significativa desse uso (0,6%). Essa discrepância pode estar relacionada a fatores de natureza

discursiva e sociocultural, que interferem na frequência e na função comunicativa das expressões idiomatizadas.

Do ponto de vista semântico e construcional, verifica-se que o grau de integração e de fixidez das microconstruções pode variar conforme o contexto. A expressão *por aí vai* pode ser considerada uma construção cristalizada, com *slots* totalmente preenchidos, desempenhando uma função semântico-discursiva de encerramento ou generalização. Em outras palavras, trata-se de uma estrutura que introduz um conteúdo inferível, permitindo que o interlocutor complete mentalmente a informação subentendida.

Por outro lado, a microconstrução *vai lá* apresenta maior frequência no português popular (3,6%), representando um aumento de 1,2% em relação ao português culto. Essa ocorrência sugere que os contextos de uso podem instanciar o esquema *ir* + Loc, o qual tende a adquirir funções pragmáticas adicionais, como incentivo, convite ou reforço de uma ação. Dessa forma, há indícios de que essa configuração possa vir a se consolidar como um novo *type*, em virtude de sua funcionalidade específica e recorrência discursiva. Compare as amostras (01) e (02).

(01) Já sim, foi... pra São Paulo que a gente participou de um congresso e... recentemente né, que a gente também foi pro Espírito Santo também participando de um congresso certo? Mais também é... São Paulo também a outros motivos também familiares que... de vez em quando a gente *vai lá*, né, visitá-los ou então eles vêm pra cá, [só isso] (LOF PCVC)

(02) Pôco por que a gente sab' que... que as meninas quando tem coragem *vai lá* e fala aí mas ôtros os cara nem espera vai e mata hoje a gente vê muito caso assim que num resolve (JVB – PCVC)

Na amostra (01), o verbo *ir* exerce função no nível lexical, sendo complementado pelo *lá*, que atua como elemento anafórico, retomando um lugar específico (São Paulo). Já no contexto (02), o verbo *ir* manifesta maior subjetividade, apresentando alto grau de integração semântico-sintática com o *lá*, o qual, nesse caso, remete a um espaço inespecífico e implícito. Nesse uso, tanto o locativo *lá* quanto o verbo *ir* perdem parte dos traços característicos de suas categorias prototípicas, passando a funcionar como um pareamento gramatical de natureza textual-interacional.

Observa-se, portanto, que novos sentidos são negociados no plano discursivo, com base em construções já existentes, as quais são abstratizadas e reconfiguradas para atender a novos propósitos comunicativos. Batoréo (2000, p. 26) ressalta que o espaço constitui “[...] um dos domínios mais

transparentes e complexos da interdependência entre Linguagem e Cognição” e que esquemas espaciais frequentemente são recrutados para dar forma a esquemas não espaciais, de caráter mais abstrato.

Desse modo, presume-se que a construção $V_{vai} + Loc$, além de desenvolver um novo *type*, é instanciada por um esquema mais amplo, do tipo $V + X$, que abarca outras construções perifrásticas com inferências de futuro, como aquelas formadas por dever e poder.

Do ponto de vista construcional, a comparação entre (01) e (02) evidencia um processo de expansão de sentido, em que a leitura concreta e espacial (*ir a determinado lugar*) se amplia para uma leitura abstrata e interacional, na qual *ir + lá* passa a codificar um ato de fala de iniciativa (*tomar coragem e agir*). Essa mudança reflete um movimento de gramaticalização local, em que o par verbo de movimento + advérbio locativo é reinterpretado como uma unidade funcional que expressa postura discursiva e não mais deslocamento físico.

Esse processo está em consonância com as propostas de Traugott (2013, 2010), segundo as quais as mudanças semânticas emergem do uso reiterado em contextos inferenciais específicos, promovendo o deslocamento de significados concretos para significados interpessoais e subjetivos. De modo semelhante, Bybee (2010) enfatiza que a frequência de uso e a fixação em contextos pragmáticos recorrentes favorecem a abstração semântica e a emergência de novas construções gramaticais. Por fim, à luz de Goldberg (1995, 2006), pode-se afirmar que o padrão *ir + lá* ilustra o princípio de herança construcional, pelo qual um esquema mais geral (V de movimento + Loc) dá origem a microconstruções com novos significados comunicativos, mantendo, contudo, traços formais do padrão original.

Em síntese, a construção *vai lá*, nos exemplos analisados, revela a dinamicidade da rede construcional do português, demonstrando como padrões de movimento espacial podem evoluir para expressar valores interacionais, consolidando-se como unidades de uso que articulam cognição, discurso e gramática.

4.1 Aspectos formais e funcionais

Nesta seção, são apresentadas as análises do fenômeno em estudo a partir de dois eixos complementares: o aspecto formal, que contempla as propriedades estruturais das construções, e o aspecto funcional, que abrangem as dimensões semântico-pragmáticas e discursivas. Essa divisão reflete a

compreensão de que o significado construcional emerge da interação entre forma e função, sendo ambas indissociáveis no uso real da língua.

Com base na orientação funcionalista e em consonância com os pressupostos da Gramática de Construções, especialmente na perspectiva da Gramática de Construções Radial (GCR), que concebe a construção como uma unidade simbólica de forma e significado, o fenômeno é investigado em um domínio complexo, marcado por motivações múltiplas — formais, semânticas, pragmáticas e cognitivas — que interagem de modo dinâmico. Dessa forma, esta análise se ancora nos dois níveis do modelo proposto por Croft (2001): (i) o nível formal e (ii) o nível funcional. No nível formal (i), são apresentadas as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas das construções, atentando para aspectos estruturais e padrões de variação. No nível funcional (ii), são examinadas as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, observando como o uso concreto das construções reflete intenções comunicativas, valores expressivos e contextos de interação.

4.1.1 Aspecto formais

No tratamento do **processo de abstratização**, Hopper e Traugott (1993) apontam que a **reanálise morfossintática e semântica**, responsável pela consolidação de construções em uma **única unidade significativa**, decorre, muitas vezes, de um processo de **amalgamação fonética**. Tal processo implica uma **reestruturação das fronteiras fonológicas**, evidenciando que transformações formais podem acompanhar — ou mesmo favorecer — a **reorganização semântico-funcional** das construções. Em outras palavras, a **redução fonética** e o **ajuste prosódico** não se limitam à dimensão sonora, mas participam ativamente da **fixação e abstração** de novos padrões construcionais.

Sendo assim, é realizada uma análise fundamentada no conceito de *chunk* (Bybee, 2010), entendido como uma unidade linguística recorrente, processada e armazenada de forma holística pelo falante. Parte-se da premissa de que itens linguísticos que coocorrem frequentemente em determinados contextos de uso tendem, por meio da repetição, a ser reinterpretados como um todo formal e semântico integrado, configurando-se, assim, como um *chunk*.

Segundo Bybee (2016, p. 65), um dos efeitos do *chunking* na produção linguística é a sobreposição e redução dos movimentos articulatórios, fenômeno que se manifesta especialmente em palavras e expressões de alta frequência de uso. Esses processos fonético-articulatórios contribuem para a compactação formal das construções e para sua fixação cognitiva na rede de representações linguísticas do falante. A seguir, tem-se as amostras dos *Corpora*.

(03) Gosto e eu me sinto útil, porque ali eu sei por eh... um trabalhadô entra na empresa, tá trabalhano ali e eu sei que quando ele *vai pra casa*, que ele passa da portaria, que tá saino bem, eu fiz uma meia parte ali, entendeu? (*JLLS – PCVC*).

(04) [...] eu terminei o livro detestando Capitu, achando que Capitu traiu porque eu me deixei levá pelo narrador, né, por Bentinho, só que aí eh... depois eu parei pra pensá: ele [é]... *vai que* ele era lôco, *vai que* esse menino nem parecia com Escobar e tal... (*CBS – PCVC*).

Partindo da premissa de que itens linguísticos que coocorrem frequentemente em um dado contexto de uso podem, por meio da repetição, passar a ser processados como um todo formal e semântico integrado — um *chunk* (Bybee, 2010) —, pode-se considerar que, no exemplo (04), a sequência *vai que* constitui um *chunk*. Nessa construção, o verbo *ir* e o elemento subsequente parecem formar uma unidade prosódica e semântica única, processada de modo integrado pelo falante. Para que o significado seja interpretado adequadamente, os elementos *vai* e *que* devem ser acessados conjuntamente, pois é da combinação entre eles que emerge o sentido contextual de hipótese ou conjectura.

Já no exemplo (03), compreende-se que a construção com *ir* mantém-se como um item lexical pleno, de natureza autônoma, com identidade fonológica própria e traço prosódico individual. O verbo conserva seu valor lexical de deslocamento espacial, articulando-se de forma composicional com o complemento “pra casa”, sem indícios de compactação fonética ou fusão categorial. Ou seja, enquanto *vai pra casa* representa uma combinação livre, típica de uma construção lexical plena, *vai que* ilustra um processo de fixação construcional, no qual a alta frequência de coocorrência e a interpretação conjunta dos elementos favorecem a formação de um *chunk*, evidenciando um estágio mais avançado de abstração e integração formal.

Ao tratar do **processo morfossintático**, observa-se a presença de **flexões verbais** que refletem tanto as **regularidades gramaticais da língua** quanto os **padrões de uso** consolidados nas construções analisadas. Sob a

perspectiva da **Linguística de Construções Baseada no Uso (LCU)**, essas flexões não são tratadas apenas como manifestações formais da morfologia, mas como **elementos simbólicos** que se associam a **valores funcionais e discursivos**, emergindo da experiência linguística dos falantes.

Assim, a **flexão verbal**, no âmbito da LCU, não é apenas uma marca morfológica de concordância, mas um **indício de esquemas de uso em diferentes estágios de abstração**. A **repetição e a frequência** promovem a **fixação de padrões**, levando à emergência de **microconstruções específicas** na rede linguística — algumas plenamente flexionáveis, outras parcialmente ou totalmente fixas. Esse comportamento reforça o princípio de que a **morfossintaxe** é sensível ao **uso** e de que as **regularidades gramaticais** resultam de processos cognitivos de **analogia e generalização** (Bybee, 2010; Goldberg, 2006).

Nesta investigação, observa-se que, em determinadas construções — como em (04) *vai que* —, não há possibilidade de flexão do verbo, uma vez que a expressão se comporta como uma unidade fixa, com comportamento invariável e valor construcional específico. Essa invariabilidade morfológica indica um estágio avançado de fixação na rede construcional da língua, em que a sequência passa a ser processada como um todo holístico, perdendo gradualmente a transparência composicional entre os elementos que a formam. Tal comportamento pode ser interpretado como evidência de um processo de construcionalização, pelo qual uma combinação originalmente livre — *vai + que* — adquire funcionalidade pragmática própria, tornando-se uma expressão cristalizada que veicula valores de hipótese, suposição ou possibilidade, independentemente da flexão verbal. O exemplo (05), *vai prosseguir*, o verbo *ir* apresenta um comportamento distinto da amostra (04) *vai que*. Observe.

(05) Né, então, né, aí no meu caso foi esse, aí foi por isso que eu desisti. O menino meu mesmo já acostumou tanto aqui que num queria ir lá po Padre Palmeira {risos} que achô diferente e num queria estuda. Eu falei não, mas cê tem que conchuí o primeiro ano aí, depois *vai prosseguir* (WSO – PPVC).

O verbo *ir*, ao associar-se a um verbo no infinitivo, atua como auxiliar, correspondendo ao morfema de futuro simples. Nessa construção, a variante *vai* ocupa posição imediatamente anterior ao verbo principal, com o qual mantém estreita correlação sintático-semântica. A semântica do verbo principal contribui para a interpretação aspectual do auxiliar, de modo que ambos parecem constituir uma unidade integrada não apenas nos níveis sintático e semântico, mas também morfossintático.

Sob a perspectiva da Linguística de Construções Baseada no Uso (LCU), essa configuração ilustra o processo de fusão construcional, em que dois elementos originalmente independentes passam a formar uma única expressão simbólica (*vai + prosseguir*), representando uma instância do esquema $V_{vai} + V_{inf}$. O uso recorrente dessa combinação favorece a fixação morfológica e o recrutamento construcional, permitindo que o par seja interpretado como uma perífrase de valor prospectivo, formalmente distinta, mas funcionalmente análoga às flexões de futuro simples (ex.: *prosseguirá*).

Essa observação reforça a ideia de uma rede contínua de construções, envolvendo o verbo *ir*, na qual diferentes graus de integração formal e semântica coexistem. Enquanto em *vai prosseguir* o verbo *ir* mantém propriedades morfológicas e aspectuais típicas de um auxiliar produtivo, em construções como *vai que* ou *vai lá* observa-se maior grau de fixação e abstração, em que o verbo deixa de exibir flexão e passa a funcionar como marcador pragmático-discursivo. Tal gradiente confirma o princípio uso-baseado de que novos significados e funções emergem gradualmente do uso reiterado, configurando um *continuum* construcional entre o lexical, o gramatical e o discursivo (Bybee, 2010; Goldberg, 2006).

A seguir, tem-se a análise dos aspectos funcionais, em que são explorados os valores semântico-cognitivo e discursivo-pragmático das construções com *ir*, evidenciando os diferentes modos pelos quais o uso contribui para a expansão de sentido e a diversificação construcional desse verbo no português contemporâneo.

4.1.2 Aspectos funcionais

Esta subseção, em consonância com o modelo proposto por Croft (2001), está voltada para o polo funcional da análise, a fim de examinar o fenômeno em estudo sob a perspectiva de suas motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas. Nesse sentido, são identificados os fatores que condicionam o uso das construções analisadas, considerando as relações de significado, os contextos de uso e os efeitos comunicativos que emergem da interação. Para o tratamento do aspecto semântico-cognitivo, toma-se como base os processos metafóricos e metonímicos, por entender que ambos participam da construção e extensão de sentido nas ocorrências observadas. Quanto às propriedades discursivo-pragmáticas, recorreu-se a noções como informatividade, nível de formalidade e intersubjetividade, que permitem compreender como as construções com o verbo *ir* se configuram e

se especializam em diferentes contextos comunicativos, refletindo intenções, avaliações e estratégias interacionais do falante.

Nas construções com *ir* nos *Corpora* analisados, busca-se identificar de que forma as motivações cognitivas e as experiências perceptuais dos falantes contribuem para a abstração do significado de movimento, resultando em novas funções gramaticais e discursivas. Essa abordagem permite compreender a continuidade entre o domínio espacial e o domínio conceptual, demonstrando como padrões construcionais se formam, se estendem e se consolidam na língua a partir do uso e da cognição. Destaca-se a amostra (06).

(06) Ô eu acho assim... toda criança ela deve ter suas atividades, seu trabalho, mas não um trabalho do jeito que é colocado, a criança para trabalhar fora, ni rua, ni... não acho que a criança tem que trabalhar... a criança tem que ter eh... obrigações, por exemplo, a criança tem que saber que dentro de casa ela tem que ajudar, ela tem que forrar sua cama, ela tem que lavar seu prato... ela, dependendo do tamanho dela, *vai ter* que lavar um banheiro, entendeu? Ela tem obrigações no ambiente onde está convivendo (SSRS – PCVC).

Na ocorrência (06), identifica-se o uso gramaticalizado do verbo *ir*, no qual o significado de movimento se enfraquece e o verbo passa a indicar intenção ou obrigação. Nesse contexto, *ir* perde parte de sua especificidade lexical, e o sentido global da construção é determinado pela interpretação contextual e pela relação semântica com o verbo principal. Conforme Bybee (2020, p. 235), citando Haiman (1994), “[...] quando um vocábulo ou sintagma é usado repetidamente, habituamo-nos a ele, e ele perde algo do seu impacto”. A alta frequência de uso das construções perifrásticas com *ir* favorece esse processo de desbotamento semântico (*bleaching*) e de generalização funcional. Assim, em (06), o verbo *ir* atua como marcador de tempo futuro e indicador de intenção, sinalizando o propósito do falante de realizar uma ação subsequente.

O valor original de movimento físico é, portanto, transferido, metaforicamente, para um domínio temporal e abstrato, configurando um exemplo de metáfora conceptual — um dos processos fundamentais de motivação cognitiva. De acordo com a Linguística Cognitiva, as metáforas primárias têm base neuronal e se fundamentam na experiência corporal e sensorio-motora. Assim, o sistema conceptual se estrutura a partir das percepções corporais e das interações com o ambiente, o que explica como construções originalmente espaciais, como *ir*, podem ser recrutadas para expressar noções temporais, intencionais ou epistêmicas.

Desse modo, as ocorrências analisadas demonstram a continuidade entre o concreto e o abstrato na rede construcional do verbo *ir*, evidenciando que a mudança de sentido resulta de mecanismos de analogia, frequência e experiência de uso, centrais à Linguística de Construções Baseada no Uso.

Ao considerar os **aspectos pragmático-discursivos** das construções com o verbo *ir*, observa-se que seu funcionamento vai além da estrutura sintática e semântica, envolvendo dimensões relacionadas à **organização da interação**, à **gestão da informação** e à **produção de inferências** por parte dos interlocutores.

(07) Que eu ach' ele ta... que é um candidat' que *vai sai(r) bem*. (EPS – PPVC)

No exemplo (07), a construção *vai sair* apresenta o verbo *ir* atuando como marcador de futuridade com valor epistêmico, revelando uma avaliação subjetiva do falante a respeito de um evento ainda não realizado — o desempenho do candidato. O uso de *vai* não expressa deslocamento físico, mas uma projeção mental de expectativa em relação a um resultado futuro, construído a partir do contexto discursivo.

Sob o ponto de vista discursivo-pragmático, a construção cumpre a função de organizar o ponto de vista do falante no enunciado, expressando uma atitude avaliativa e, portanto, intersubjetiva (Traugott, 2010). O enunciador não apenas informa um fato, mas compartilha uma crença ou previsão, assumindo uma postura interpretativa diante do evento. Essa postura revela a implicatura de certeza moderada, em que o falante manifesta confiança, mas sem afirmar categoricamente — traço típico de expressões que equilibram modalidade epistêmica e envolvimento interacional.

Em termos de informatividade, o segmento introduz informação nova, mas de caráter avaliativo, não factual. A relevância informacional está na posição subjetiva do falante, que, ao usar *vai sair bem*, ativa inferências pragmáticas no interlocutor: espera-se que este compartilhe a suposição de que o candidato tem boas chances ou boas qualidades. Assim, o verbo *ir*, em sua função de auxiliar epistêmico, contribui para a atualização discursiva do enunciado, conectando o estado atual (*ele é um candidato*) a uma projeção de resultado futuro positivo (*sair bem*).

5 Conclusão

A análise das construções formadas com o verbo *ir* nos *Corpora* do Português Culto e Popular de Vitória da Conquista, à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e da Gramática de Construções (GC), permitiu observar como padrões de uso recorrentes conduzem à emergência de novas construções gramaticais. Os resultados demonstram que o verbo *ir*, originalmente lexical, transita gradualmente para funções gramaticalizadas, como marcador de futuridade (*vai estudar amanhã*) ou de interação discursiva (*vai lá, vai que*), evidenciando processos de desbotamento semântico.

A relevância da LFCU e da GC se manifesta na capacidade dessas abordagens de explicar os dados de forma integrada, considerando simultaneamente os aspectos cognitivos, pragmáticos e discursivos que motivam o uso das construções. A concepção de gramática como rede dinâmica de construções permite compreender não apenas a frequência e a produtividade das formas, mas também a motivação subjacente à mudança e expansão de sentidos.

Do ponto de vista pedagógico, os resultados sugerem que o ensino de gramática e de variação linguística pode se beneficiar de uma abordagem baseada no uso, que valorize a observação de padrões reais e o entendimento da função comunicativa das construções. O reconhecimento da gradiência entre usos léxicais gramaticalizados e discursivos contribui para uma compreensão mais contextualizada da língua e para a promoção de práticas de ensino que considerem a diversidade de registros e contextos.

Finalmente, este estudo aponta para possibilidades de pesquisas futuras, como a investigação de outras construções perifrásticas e inovadoras, o exame de *corpora* de diferentes regiões e faixas etárias, e a análise de variações em contextos escritos e digitais. Tais estudos poderão ampliar a compreensão sobre os mecanismos de emergência e consolidação de padrões construcionais no português contemporâneo, reforçando a importância de abordagens que integrem cognição, uso e variação discursiva.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. A da S. **Construções gramaticais com *ir* no português brasileiro contemporâneo**. (Tese) Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Natal, 2017.

BATORÉO, Hanna Jakubowicz. **Linguagem, Cognição e Espaço**: *Estudos de Linguística Cognitiva*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BYBEE, J. **Língua uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Silva. Cortez: São Paulo: 2016.

BYBEE, J. **Mudança Linguística**. Trad. Marcos Bagno. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

BYBEE, J.L.; PAGLIUCA, W.; PERKINS R. Back to the future. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (ed.) **Approaches to grammaticalization**, vol. II. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-58.

CEZÁRIO, Maria M.; JÚNIOR, Luiz A. M. **Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos e aplicações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020.

COSERIU, Eugenio. **Sobre el futuro romance**. Revista Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 1-18, 1957.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

FURTADO DA CUNHA, M. A; SILVA, M. A. da. A gramaticalização do verbo ir: implicações para o ensino. In FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARE, M. A. (Orgs). **Funcionalismo e ensino de gramática**. 1. ed. Natal, RN : EDUFERN, 2016.

HOPPER, P. J. **Emergent grammar**. Berkeley Linguistic Society, n.13, 1987. p.57.

HOPPER, P; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

GOLDBERG, Adele E. Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele E. Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

ILARI, Rodolfo. A expressão do tempo em português. 2. ed. São Paulo: Contexto; EDUC, 2008.

SILVA, M. C. E. **O uso do futuro perifrástico com verbo ir no português oral e escrito de Vitória da Conquista**. Orientador: Jorge Augusto Alves da Silva. 2016.123f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2016.

SILVA, M. C. E. **Construções com verbo ir no português de Vitória da Conquista**: uma abordagem centrada no uso. Orientadora: Valéria Viana Sousa. 2024. 178f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-

Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2024.

SILVA, M. C. E., SOUSA, V. V. (2024). Beyond the Synthetic Future: Usage-Based Linguistic. **Revista De Gestão Social. Ambiental.** Miami. V 18. N.11,p. 10-14. Disponível em <https://doi.org/10.24857/rgsa.v18n11-095>

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *From Subjectification to Intersubjectification.* In: HICKEY, Raymond (ed.). **Motives for Language Change.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 124–139.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *(Inter)subjectivity and (Inter)subjectification: A Reassessment.* In: DAVIDSE, Kristin; VANDELANOTTE, Lieven; CUYCKENS, Hubert (eds.). **Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization.** Berlin: De Gruyter Mouton, 2010. p. 29–71.

TRAUGOTT, E; TROUSDALE, G. **Construcionalização e Mudança Construcional.** Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

OLIVEIRA, J. M. de. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança.** 252f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

Recebido em setembro de 2025.

Aprovado em novembro de 2025.

Publicado em dezembro de 2025.

SOBRE AS AUTORAS

Milca Cerqueira Etinger Silva é doutora em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)/Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin).

Valéria Viana Sousa é doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba–UFPB. Professora Titular da UESB. Líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)Funcionalismo – CNPq (Grupo Janus). Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin/UESB).